

## DIÁLOGOS PERTINENTES: UMA ANÁLISE DE DIÁRIOS FORA DA COERCITIVIDADE ESCOLAR<sup>1</sup>

Carmen Ferreira da SILVA

**RESUMO** *Em meu trabalho como professora de primeiro grau, no contexto formal de educação, reflexões sobre os processos de escrita e leitura forçaram-me a lançar o olhar para a prática conservadora de ensino e então direcionei minha análise para a escrita de diários íntimos de estudantes escritos fora da instituição escolar. Em escritas nas quais existe mais espaço para o exercício da subjetividade, encontramos sobrepostas idéias do sujeito e do outro, o que nos remete à concepção de Bakhtin de que a vivência real do homem advém da relação mútua entre as categorias representativas do eu e do outro. Sabendo da pouca utilização da escrita/leitura fora da escola, os textos produzidos livremente se revelam um instrumento original por possibilitar a análise das motivações que levam o aluno a fazer uso de uma escrita 'desobrigada', bem como permitem entrever as possíveis manifestações desses alunos sobre o universo de valores de uma sociedade. Assim, o corpus deste trabalho é constituído de sete diários espontâneos de alunos, que me foram cedidos por alunas de uma escola da periferia de Campinas, os quais foram operacionalizados no sentido de se relacionar a heterogeneidade marcada e constitutiva, buscando neles a heterogeneidade mostrada. A análise mais detalhada dos diários, em suas estruturas dialógicas e lingüísticas, fornece um universo ideológico de valores mais decantado, ou seja, o aluno, consciente ou inconscientemente, revela os **intradiscursos** que projetam uma realidade **extradiscursiva**. Assim, a **ideologia pessoal** dialoga com a **ideologia coletiva**. O centro deste trabalho é justamente este espaço da intersecção entre esses dois níveis ideológicos de construção da realidade.*

**ABSTRACT** *In my work as a school teacher in the formal system of education, reflections about the writing and reading processes forced me to look beyond the conservative teaching practice and then I direct my analysis to intimate diaries written/kept by the students outside the school context. In this kind of texts where there is more freedom to subjectivity exercising, we can find superposed ideas related to the notion of the subject and the other. These findings lead us to Bakhtin's conception in which the real man existence comes from the mutual relationship between*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 24 de agosto de 1998, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Augusta Bastos de Mattos.

*representative categories of the self and of the other. Knowing about the small application of reading/writing outside the school, the texts spontaneously produced can be seen as an original source of analysis since they open the possibility for analysing motivations that lead the student to make use of a not demanding written activity, as well as allow us to glimpse the students' manifestations about the values of society. The source of data in this research is composed of seven intimate diaries, gently granted by female students from schools in the region of Campinas. These diaries were studied in an attempt of relating the constitutive and marked heterogeneity in the search for shown heterogeneity. A detailed analysis of the diaries, in their dialogic and linguistic structures, provides an ideological universe of values, that is, the student, conscious or uncounciously, reveals intradiscourses that draw an extradiscursive reality. Thus, a personal ideology dialogues with a collective ideology. The intersection between these two levels of ideology becomes the nuclear part of this investigation.*

## 1. INTRODUÇÃO

Embora se parta do pressuposto de que o objetivo deste artigo é o de fornecer uma visão panorâmica acerca do trabalho que foi desenvolvido na dissertação de Mestrado, algumas considerações primordiais que sustentam o desenvolvimento de todo o trabalho não podem ser preteridas.

Dessa forma, uma possível conceituação do diário pessoal se faz necessária diante das muitas variáveis existentes entre as anotações particulares, cujos objetivos específicos estão ligados ao desejo de anotar, ressaltar, opinar sobre determinados acontecimentos do dia a dia, e os objetivos ou etapas por que passa um diário literário que tem por finalidade sua publicação.

O diário literário tem como característica básica o **estilo**, neste caso, estamos entendendo estilo seja como o uso consciente dos recursos da escrita, seja como ponderação das lembranças, acontecimentos ou situações a serem trabalhadas. O escritor tem conhecimento dos recursos que a escrita possibilita e utiliza a memória, uma espécie de filtro, como o elemento fundamental: muitas lembranças, acontecimentos ou situações que ele não quer que se evidenciem, são modificadas ou suprimidas.

Como diário literário o autor utiliza a palavra para exercer o seu ofício e, para tanto, os signos lingüísticos devem ser superados de forma a transcenderem a própria imanência, revelando tanto as enunciações do escritor a partir da relação dele com o mundo como as enunciações do mundo dos outros. Assim, no diário literário, a escrita que se revela aos leitores é o resultado dessa relação, pois o autor está inserido em um condicionamento que o força a estabelecer elaborações acerca do homem e de seu mundo.

Nesse sentido, o estilo artístico existente nos diários literários não pode ser somente o resultado de um trabalho com as palavras, pois ele resulta da interação do autor com os elementos do mundo, com os valores e com a vida que acabam por determinar também a forma pela qual se estabelecerá a relação com os elementos lingüísticos.

De fato, a memória atuando como um **filtro do tempo** sobre os acontecimentos faz com que as situações apareçam hierarquizadas, ou seja, o autor as classifica como sendo relevantes ou não e de que forma devem ou podem aparecer escritas, revelando um nível de distanciamento entre o eu/outro, direcionando, desse modo, a apreensão do texto pelo leitor:

“No diário literário a forma é fictícia, porque existe aí a intenção do autor de publicá-lo. Estes aforismos ou coletas de pensamentos servem para fixar as observações, os pensamentos, as intuições, as sensações e as emoções (certamente numa forma imediata, talvez pouco sistemática e muitas vezes aparentemente pouco literária), que, não obstante, são a base do diário e das publicações autobiográficas.” (Cavaliere, 1996:29)

Portanto, a proposta deste trabalho foi a de estabelecer a relação entre heterogeneidade mostrada e constitutiva, observando as marcas de heterogeneidade mostrada nos textos de adolescentes, ou seja, textos que, embora inseridos num **contínuo presente**, característica predominante em quase todos os **diários pessoais de adolescentes**, posto que nestes ocorre a ausência do estabelecimento de hierarquias de pensamento que auto-regulam o planejamento das ações e afetividade, fazendo surgir uma relação direta com os acontecimentos, também apresentam uma tensão **ético-cognitiva**<sup>2</sup>.

Diante da consideração de que o adolescente ainda não tem consciência dos conceitos, mas os relaciona de forma direta aos objetos ou situações, é possível dizer que em sua escrita ele faz uso da palavra com um significado particularizado (ele escreve para si mesmo) que denota um sentido contextualizado pelo uso e pelas suas vivências afetivas. Dentro do **aquí/agora** vivido por ele acontece o estabelecimento de prioridades avessas àquelas por que o tempo passou, desvelando graus de valores do eu para eu quanto a conteúdo e forma.

Embora o registro que os adolescentes façam em seus diários limite-se a anotações do cotidiano, é possível percebermos que há implicitamente muitas indicações apontando para a formação de determinados **intradiscursos**<sup>3</sup>, bem como algumas idéias

---

<sup>2</sup> O termo tensão ético-cognitiva utilizado é de Bakhtin para designar o conflito necessário para a instalação do elemento artístico em um texto: “(...) *não assumo uma forma e não me determino; no mundo da minha autoconsciência, entre meus valores, não figura o valor estético significante de meu corpo e de minha alma e da unidade artística orgânica deles que confere integridade ao homem; meu corpo minha alma se inserem em minha atividade que se desenvolve em meu horizonte, e esse horizonte não pode fechar-se e abarcar um eu tranqüilizado, e construir um ambiente de valores só para mim: ainda não existo no mundo de meus valores enquanto dado positivo, tranqüilo, igual a si mesmo.*” (Bakhtin, 1992b:202; destaques do próprio texto)

<sup>3</sup> O conceito de **intradiscurso** está definido na acepção bakhtiniana, ou seja: “Em todas as concepções éticas, religiosas e estéticas que atingiram certo desenvolvimento e perfeição e tem importância histórica, o corpo é antes generalizado do que diferenciado, e, quando o é, é infalivelmente em função da predominância do corpo interior ou exterior, do ponto de vista objetivo ou subjetivo, conforme nos baseamos em nossa própria vivência ou na vivência do outro; no primeiro caso, o fundamento é a categorias dos valores do **eu**, à qual se vinculará o outro, e, no segundo, a categoria do **outro**, que englobará a **mim** também.” (Bakhtin, 1992b:70, grifos do texto).

que são colocadas de forma explícita, revelando um universo imaginário com uma elaboração mais trabalhada.

E embora não seja possível delimitar os vários estágios experienciais da escrita do adolescente por faixa etária devido às inúmeras variáveis que determinam toda a tensão emocional que se vive, como por exemplo, a exposição do adolescente a um repertório maior ou menor de leitura, o meio cultural, a sociedade na qual está imerso, as motivações exteriores, foi possível a observação de uma base comum a todos eles.

Em um primeiro momento, em sua escrita, o adolescente mantém uma posição na qual as percepções subjetivas são de suma importância, pois a relação com o próprio eu fornecerá elementos para as suas experiências com o outro e com o mundo e gradativamente, de posse de algumas representações dos objetos oriundas do grupo cultural a que pertence e que conduz à formação de conceitos, o adolescente encontra elementos para que ele possa olhar para si mesmo, no momento da experiência, e ir construindo sua capacidade de abstrair atributos relevantes e isolados da sua experiência concreta.

Dessa forma, a **linguagem utilizada pelo grupo**, principalmente pelos adultos, carrega predeterminações de conceitos que entrarão no desenvolvimento de outros conceitos que fornecerão elementos para que o adolescente comece a ordenar suas impressões, a reelaborar os elementos de suas experiências para elaborar uma análise mais geral e, posteriormente, fazer uma síntese: a adolescência é o momento propício no qual a capacidade de avaliação da realidade interior e exterior se amplia a cada nova experiência.

As concepções de Bakhtin acerca do ato criador dão conta de que a consciência criadora do autor não advém da consciência lingüística que ele possa ter da língua, pois esta "(...) *não é mais do que uma fase passiva da criação: a fase em que o material é superado de modo imanente.*" (Bakhtin, 1992b:208)

Nessa perspectiva bakhtiniana a construção simbólica que o eu faz da vida social somente se realiza pela relação que o **eu** estabelece com os outros eus, fazendo surgir uma estética de vida materializada no objeto, contudo a utilização de recursos e procedimentos expressivos bem elaborados, não podem ser considerados fruto da autoconsciência e sim da transcendência do material lingüístico.

E se a consideração é a de que o **elemento artístico** nasce justamente da possibilidade de o adolescente **entrar em conflito consigo mesmo**, com o ambiente e com o mundo para que daí surjam as formas culturalmente dadas ao longo de seu desenvolvimento e que, essas formas, ao serem internalizadas, constituem o material simbólico sobre o qual ele trabalhará, é normal que não aconteça escrita literária por parte do jovem sem que ele instale o conflito interno através de sua imersão na dialética dos próprios desejos e da vida.

De fato, pode-se perceber que ao mesmo tempo em que o adolescente estabelece uma interação com o mundo real em que vive e com todas as formas de organização desse mundo real ditadas culturalmente, por meio da linguagem, ele consegue perceber as categorias que regulamentam a vivência de todos como um grupo e também internaliza essas experiências, possibilitando a representação e funcionamento dessas categorias coletivas num plano individual, no qual há o estabelecimento de uma organização interna dos conhecimentos:

O diário íntimo, segundo Bakhtin, inspira-se “*quer na confissão, quer na biografia*”, sendo difícil fazer uma demarcação nítida entre ambas, e embora possa ser até relevante essa distinção, certamente os valores da orientação da consciência não poderão ser tomados como base, visto que a “*relação consigo mesmo - com o eu-para-mim - não é um elemento constitutivo e organizador da forma artística*” (Bakhtin, 1992b:165)

Fora o fato de o adolescente estar descobrindo as fronteiras e se posicionando para melhor observar a si mesmo e ao mundo, temos no diário íntimo uma relação diferenciada de observação que o **eu** estabelece **consigo mesmo**, ou seja, quando uma forma se relaciona com o próprio **eu**, instaura-se um *outro* para ele mesmo, descaracterizando o eu inicial na medida em que se deixa de viver a partir dele mesmo.

Quanto mais próximo o eu estiver para falar sobre si mesmo, sem um deslocamento suficiente para a reflexão, o aprofundamento e ampliação da contemplação artística ficam prejudicados, uma vez que a percepção fica enfraquecida: o acontecimento artístico requer um participante que estabeleça uma relação de sujeito/sujeito, com um deslocamento suficiente para a análise dos fatos e um outro sujeito/mundo, para se constituir em um participante que é o autor-contemplador.

No tocante ao diário íntimo dos adolescentes, na maioria das vezes há a presença de somente um dos participantes, criando a ilusão de um acontecimento artístico, pois o essencial para que de fato o acontecimento exista está por vir, isto é, a tensão nasce de reavaliações das próprias estratégias, ações, comportamentos e atitudes em confronto com outras concepções, idéias, valores e convicções. A apreensão dos princípios de acabamento e da realização da forma estética é o privilégio do indivíduo ser ele próprio, de ser o outro e de se colocar fora das outras consciências possíveis, posto que a **confissão** existente no diário é uma informação que o escritor tem de si mesmo e somente o outro pode fornecer os elementos necessários que fundamentam a visão artística realizada pelo eu.

Ainda que se apresente como uma narrativa organizada, a confissão não realiza os valores biográficos artisticamente, pois tem por fim outro desejo prático e objetivo, ou seja, o eu vive um acontecimento singular e único da sua existência, numa posição isotópica incipiente. Quando os recursos expressivos e procedimentos surgem muito bem elaborados, estes não podem ser, entretanto, considerados frutos da autoconsciência e sim da transcendência do material lingüístico face aos acontecimentos, tornando possível o surgimento das formas e valores de uma estética de vida materializada no objeto.

Além das percepções externas e reelaborações internas, é fundamental a tensão provocada através da relação entre o sujeito / sujeito e o sujeito / mundo. Diante da necessidade de se expressar, o autor busca elementos lingüísticos que dêem conta da metáfora ideológica vivida por ele.

Por se tratar de um movimento muito tenso que o autor realiza na tentativa de explorar e compreender o mundo e a si mesmo através da escrita, é possível entendermos esse movimento como uma luta nascida da possibilidade de superação do material lingüístico, utilizando a língua como um suporte, mas em cuja base se encontra a orientação **ético-cognitiva**.

## 2. ESQUEMA GERAL DOS DIÁRIOS

O trabalho original apresenta uma análise mais particularizada dos dados dos diários em si, contudo serão ressaltados neste artigo os aspectos mais gerais encontrados e que são comuns a todos os sete diários, mas que serviram de guia para uma visão mais geral, possibilitando a definição de traços comuns aos sujeitos que têm em comum não apenas uma idade próxima, mas uma maneira aproximada de “contar o mundo” e de “se contar”.

A adolescência, neste sentido, foi vista através de marcas específicas da linguagem que definem o “estar num grupo social”, o pertencer a um grupo que carrega como emblema traços distintivos e particulares de linguagem.

Do mesmo modo, adolescência foi pensada a partir de fios temáticos recorrentes, ou seja, no que de específico o adolescente tem como “matéria de vida” e que, através das interlocuções, possibilita a ele a construção e elaboração de uma forma particular de observar o mundo.

A intenção foi seguir o roteiro que ele faz ao percorrer as geografias de sua mente, o modo como molda seu pensamento em linguagem para dar uma possível configuração a sua forma de pensar e viver a realidade interior e exterior.

O que se priorizou nessa espécie de vó panorâmico sobre a escrita dos diários foi basicamente o lugar de onde o início das manifestações discursivas do adolescente emanam, e quais os conflitos que essas mesmas manifestações podem apresentar, tanto para quem escreve como para quem lê.

Ler os diários com essa visão retrospectiva, ou seja, voltar a olhar/ler com olhos limpos da passagem do tempo, colocando-se no lugar de um adolescente em uma idade em que os conflitos já se evidenciam, talvez tenha sido a maneira mais produtora de ver claro o que antes, ou até mesmo como muitos problemas continuam parecidos nas sucessivas gerações, mas diferindo na configuração da subjetividade e na construção discursiva manifestada linguisticamente.

Com esse intuito, alguns aspectos trouxeram certos elementos para um lugar mais ou menos homogêneo ou estável ou que poderia ser definido como o principiar de uma manifestação discursiva do adolescente que se encaminha para uma definição discursiva mais consistente serão explicitados daqui por diante.

Dentre as várias características presentes nos diários, foram descritas as que pareceram de maior relevância, uma vez que ao longo da análise dos dados elas foram relacionadas ou definidas em seus contatos umas com as outras, pois fazem parte do mesmo tecido textual, o que muitas vezes dificultou a sua separação de forma clara.

Num esquema possível de aspectos presentes nos diários, foram destacados os seguintes:

### **a) Os índices de referência espaço, tempo, pessoa**

A configuração do tempo nos diários geralmente se dá no sentido de inserção do tempo num contínuo presente (muitas vezes, quando o passado aparece, ele logo é “absorvido” pelas emergências do presente; o mesmo acontece com as projeções para o futuro).

Isso se deve ao fato da extensão temporal dos diários ser muito reduzida (por volta de um ano). Além disso, as preocupações dos adolescentes, na grande maioria dos casos, se limita a uma certa urgência de se pensar o mundo, a partir de anseios mais momentâneos e contingentes.

Por ser curto o tempo decorrido na produção dos diários, o que se verificou também foi uma certa instabilidade nas posições assumidas pelos adolescentes, sem que se tenha uma posterior síntese. Esta instabilidade é decorrência de uma apreensão do real que ainda se circunscreve num nível de elaboração inicial da consciência do mundo exterior como um reflexo de múltiplas consciências que se embatem o tempo todo.

Num dos diários (da garota **A. G., 12 anos**), encontram-se fotos dos cantores do grupo musical Mamomas Assassinas, em um momento do auge de sua carreira que, pouco tempo depois foi interrompida pela morte repentina de todos os integrantes do grupo. E a adolescente escreve em algumas delas: “gostoso lindão”.

Na mesma página do diário, encontra-se o seguinte texto:

“DATA 15/5/96

Para os Mamonas Dinho Julio Bento samuel e sergio

Eles morreram. Mas não só pra mim mas para muita gente eles ainda estão vivos no meu **CORAÇÃO**.

Em primeiro lugar dos homens mais bonitos do mundo estava os Mamonas assassinas e o Zezé de Camar. Mas Deus está se divertindo com eles lá é só alegria. E eu tenho certeza que eles estão melhor que nós.” (**A. G., 12 anos**)

No mesmo diário aparecem colados outros tipos de figurinhas: desenhos da boneca Barbie, um coração onde está escrito “com carinho”, fotos de atores e personagens de desenhos infantis. Num outro momento, encontramos a seguinte frase: “Marcelo faria você é tão bonito”.

O que se percebeu a partir dessa pequena amostragem do diário de **A.G.** é o modo como os dados da realidade exterior são incorporados na linguagem sem nenhuma manifestação consciente de que esses elementos estão configurando a sua construção de realidade. Eles aparecem na sua contingência, dificultando a percepção de seus significados latentes, pois ela ainda está em uma posição isotópica que inviabiliza o deslocamento de um olhar mais reflexivo sobre si mesma. Assim, a morte é vista sob uma perspectiva de simples transporte de um plano a um outro, ou seja, as características mais perceptíveis a ela:

“Em primeiro lugar dos **homens mais bonitos do mundo** estava os Mamonas assassinas e o Zezé de Camar. Mas **Deus está se divertindo com eles lá é só alegria**. E eu tenho certeza que eles estão melhor que nós.” (Grifos meus)

Ao longo deste diário não se manifestam de maneira mais evidente no texto os conflitos efetivos. Fica-se no nível da reprodução de falas alheias, de sentimentos compartilhados coletivamente, de desejos circunscritos a uma certa “idéia de desejo”, de “beleza culturalmente difundida”. Ou seja, pode-se desejar e verbalizar esse anseio como se pode ter vontade e adquirir uma idéia de beleza materializada na figura da

boneca Barbie, pois o desejo parece equivaler, neste sentido, a uma simples manifestação de uma realidade de consumo que também é estendida a uma realidade mais objetiva de construção do pensamento.

O tempo, deste modo, vinculado à idéia de uma consciência ainda em formação, está circunscrito pela urgência de digerir rapidamente todas as experiências (no mundo de hoje, materializadas num bombardeio incrível das sensações).

Com todo este excesso de produção de percepções em constante mutação, neste estágio ainda há pouco espaço para que o conhecimento e a experiência sejam reelaborados internamente. Para que o adolescente consiga promover tal exercício, é de fundamental importância que, além da instalação do conflito, haja também um voltar-se para a sua formação discursiva. Esta, por sua vez, após dialogar com outras, posteriormente construirá os próprios limites necessários para o seu desenvolvimento como grupo social quanto contribuirá para o crescimento individual de seus integrantes.

Em princípio, as reproduções aleatórias de conceitos nos textos das adolescentes, alheios à formação discursiva a que elas, enquanto sujeitos, estão mais em contato, ainda não se circunscrevem à esfera da “individualidade”, ou seja, ainda não podem ser vistas como produto das relações intersubjetivas que as adolescentes mantêm nas suas relações sociais.

A reprodução, que vai sendo incorporada sem muita reflexão pelas adolescentes, é a marca mais clara de como se inicia o processo de construção da realidade do mundo, manifestada em enunciações destituídas de um tom mais particularizado, antes, são enunciações que são permeadas pelo presente, marca temporal da contingência.

As respostas a toda essa problemática, no entanto, surge ainda de maneira incipiente ou pouco elaborada na formulação das possíveis manifestações discursivas do adolescente. O ver-se “de fora do tempo presente” é um processo que demorará alguns anos mais. Esse será o momento em que o sujeito já se verá como produtor de seu próprio discurso, e não como um reprodutor do discurso alheio, sem elaborações mentais mais complexas.

Se esse tempo pudesse ser alargado, certamente a configuração temporal seria mais complexa, uma vez que as maiores oscilações entre passado, presente e futuro, dividiriam como uma espécie de índice do quanto o sujeito realmente está se repensando, pois trazem em si as marcas de como as idéias do sujeito vão se reelaborando, se chocando em busca de um ponto de equilíbrio. Isso também permite àquele que escreve um contato maior com a materialidade da palavra e, portanto, uma maior elaboração estética do texto que ele produz.

Os textos seguintes são exemplos de como o tempo é trabalhado em diferentes níveis em um mesmo diário. Eles possibilitarão ver como a adolescente trabalha com os índices de espaço e pessoa.

### **Exemplo I**

“Quinta-feira 12 de outubro de 1995.

É o dia da criança vou em uma chácara com meu padrinho e minha TIA BETHE

Vou adorar porque vou:



– Nadar, Jogar futebol, Jogar voley, pescar, andar de cavalo, dormir em uma casa enorme, com 3 salas, 7 banheiros, 10 quartos e 2 cozinhas, um rio para pescar, 2 picinas, 1 campo de futebol, 1 quadra de voley.

Vou adorar porque vou tar com minha amiga Cintya meu padrinho e BETE e sua familia” (J. M., 12 anos)

### Exemplo II

“15/10/95

Para minha vó que eu tanto amo:

Quando Deus feis a terra tudo ficou com defeito.

Quando Deus fez você tudo ficou perfeito.

Mesmo depois de morta continuo te amando.

De sua neta que te ama (...)” (J. M., 12 anos)

O que se percebe pelas transcrições é que os textos **I**, **II**, acima transcritos, são eminentemente descritivos de um estado que revela vivências interiores, ou seja, retratam um jeito pessoal de se olhar o mundo, nos quais **J. M.** trabalha diferentes modos de elaboração, encaminhando-se para uma possibilidade de manifestação discursiva.

Os dois exemplos, retirados do diário de **J. M.**, nos mostram como um “espaço interior” começa a se configurar na mente do sujeito, e também como as marcas temporais podem nos mostrar isso. Os textos não são tão bem elaborados em relação ao domínio das regras gramaticais da língua, mas os “deslizes”, neste caso, parecem apontar paradoxalmente para uma maior complexidade ou elaboração mental, visto que a adolescente não se restringe a descrever as ações e pessoas físicas de forma não marcada subjetivamente.

Nestes textos, se percebe um desempenho mais precário do uso da linguagem, entretanto, alguns elementos, que podem passar despercebidos num primeiro instante da leitura, apontam para uma consciência do mundo mais elaborada.

Bastará notar-se a estrutura do segundo texto (“*Vou adorar porque vou: – Nadar, Jogar futebol, Jogar Voley (...) 1 quadra de voley*”). Essa estrutura é ao mesmo tempo índice da apreensão da experiência em dois níveis mentais: o texto começa falando de “um dia especial”, o dia das crianças, diferente de outros porque o sujeito vai passear, com o padrinho e a tia; em seguida tem-se a descrição do lugar “geográfico” exterior do passeio e nela se percebe a satisfação do sujeito em ir para lá; o texto termina com a reiteração da satisfação, agora já em outro nível, quando o sujeito diz que vai adorar porque estará com sua amiga, seu padrinho e sua tia.

Aqui, tem-se a reversibilidade gerada pela estrutura de repetição de uma mesmo núcleo semântico (“*Vou adorar porque vou*”), e o espaço mental da consciência invade o espaço geográfico, e se encontram num lugar idêntico que é o da satisfação do sujeito de estar com aqueles de que se gosta no momento vivido por ele.

O último texto de **J. M.** aponta para um desejo de reproduzir um sentimento através de uma estrutura poética do texto. Os erros, novamente, são índices de um desejo de se entender na experiência. “*Para minha avó que eu tanto amo*”; “*Mesmo depois de morta continuo te amando.*”; “*de sua neta que te ama*” são enunciados que

apresentam oscilações do locutor que poderiam ser vistas como “erros” em uma situação formal de leitura e escrita, caso fossem entendidos como produções escolares.

Contudo, analisado na perspectiva da experiência, o texto descreve o duro contato com a morte de uma pessoa amada que faz com que o sujeito adolescente refaça mentalmente o caminho pretérito da morte num sentido de busca de presentificação da vida da pessoa que se foi.

O amor, nesse caso, seria o elemento que desencadeia o desejar a perenidade do ser querido, materializado na forma de expressão do enunciador. Para isso apontam também os dois versos rimados que opõe (no passado) o mundo com defeito que Deus fez em contraposição com a imagem da avó perfeita que Deus fez. Esse encadeamento mental mais complexo revela-se nesses índices temporais, da construção do espaço “interior” e na marcação mais clara de um sujeito do discurso que se expõe em suas relações com o mundo.

Dessa forma, quando se pensa no índice de pessoa como um elemento de fundamental importância para que, de fato, o locutor se assumia como sujeito, fazendo referência a si mesmo e ao seu discurso, o que se percebe na maioria dos textos dos diários é um uso ainda difuso e sem muita reflexão. Com tal maneira de se lançar mão dessa categoria de pessoa, o uso se resume a uma marcação lingüística, sem que haja, no entanto muitas referências enunciativas que organizem não somente o texto como também as possíveis manifestações discursivas assumidas.

À medida que se instala o conflito, aliado a um princípio discursivo, pode-se notar também o uso da categoria de pessoa já apontando para possíveis deslizamentos de sentidos, posto que àquela se agregam outras categorias organizadoras do texto e da subjetividade que elabora as manifestação do pensamento, propiciando o desenvolvimento do **tom** da manifestação discursiva tecida aos poucos, à proporção que as adolescentes vão se construindo nos dêiticos pessoais, até conseguirem uma progressiva estabilidade no uso dessas formas lingüísticas.

Assim, por intermédio da confrontação de idéias, surge uma utilização mais elaborada dos recursos lingüísticos de que as adolescentes dispõem ao produzirem o efeito de sentido desejado. O tom da enunciação surge juntamente com o desencadear da preocupação do exercício com as palavras, na medida em que há um uso, mesmo que inconsciente, de vários recursos lingüísticos. Assim, as palavras e a disposição que se dá a elas revelam a construção simbólica que se está fazendo interiormente.

## **b) A recorrência temática em seus diversos níveis de elaboração**

A respeito dos temas recorrentes nos diários, a ênfase recaiu sobre o modo como foram elaborados pelas adolescentes. Assim, dentre os assuntos mais abordados por elas estão: o desenvolvimento do corpo, moda, TV, artistas famosos, namoro, família, escola, sexualidade e os acontecimentos rotineiros que já começam a sofrer uma reflexão na forma como se olha a própria atuação do eu.

Esses temas acabam aparecendo, com muita frequência, porque alguns deles são abordados de maneira ostensiva pelos meios de comunicação de massa. O que acontece, na maioria das vezes, é que a abordagem destes veículos constitui uma tentativa de se homogeneizar o olhar do alocutário sobre o tema em destaque. Neste sentido, as

adolescentes acabam reproduzindo a visão idealizada ou marcada de alguns conceitos. O adolescente que tiver possibilidade de contato com outras formas de olhar conseguirá construir uma forma peculiar dentro de toda essa alteridade de posicionamentos.

O que se percebe é que alguns conceitos (tais como, como beleza, desejo, felicidade, sexualidade, inteligência vinculada à esperteza, grupos de tribos urbanas, etc.), num estágio inicial, são abordados de forma ingênua devido à falta de contato com um novo deslocamento do eu que consiga se ver de uma outra posição.

Assim, determinadas visões “institucionalizadas” vão adquirindo o estatuto de “verdades inquestionáveis”, com uma duração temporal que pode ser pouco extensa ou até duradoura, caso o adolescente não redimensione e questione essas visões dentro de sua formação discursiva. Somente a reflexão é que instalará o conflito interior que fará com que essas visões sofram adequações e ajustes, e até certas imposições e limitações de acordo com a conveniência do grupo.

O aparecimento de determinadas construções lingüísticas, que refletem o uso de idéias prontas, de lugares comuns, provérbios reatualizados e de chavões, indicam um espaço discursivo resultante de uma interlocução com essa visão “institucionalizada” de certos conceitos. Aparecem, nos diários, trechos como:

1-“Se Deus morreu  
por tanta gente porque  
você não morre por sua  
mãe que te ama  
loucamente.”( J. M, 12 anos )

2- “O lenço tem 4 pontas  
4 pontas ele tem  
Se você gosta do Marcondes  
Não é da conta de ninguém  
( A . G., 12 anos )

O que se percebe por essas transcrições é que os conceitos de “morte”, “amor”, “gostar”, “querer”, “desejo” apresentam-se ainda em uma situação muito próxima da reprodução não criativa da idéia. Quando ocorre algum elemento diferenciador, trata-se de uma paráfrase, com uma alteração mínima dos elementos do texto original. Dessa forma, por se tratar de uma paráfrase parcial, o adolescente vai saindo aos poucos de uma determinada visão para construir gradativamente a sua subjetividade.

### **c) Interlocução construtora de si mesmo através do Outro**

O diário íntimo, sem dúvida, é um espaço no qual o locutor instaura um alocutário que é o diário, pois somente a ele é reservado o direito de saber sobre suas experiências individuais. Entretanto, a consideração de que um diário possa ser realmente um interlocutor que responderá ao ato enunciativo instaurado pelo locutor fica descartada.

Sendo o diário um instrumento de interlocução do adolescente consigo mesmo, ele se configura como um suporte no qual o eu falará sobre o próprio eu, pois toda obtenção de resposta proveniente da própria reflexão que o enunciativo busca neste espaço de interlocução fica sob a responsabilidade do próprio sujeito.

Mesmo que a escrita fique circunscrita ao momento presente, a releitura do texto permitirá um maior contato com o conflito vivido, havendo um redimensionamento do próprio questionar. A escrita, neste sentido, por ter mais tempo para ser elaborada,

contribui para que o enunciador, quando reler o texto, ocupe um lugar discursivo mais distanciado do momento em que ele o produziu.

E neste movimento do eu quando está muito próximo de si mesmo e quando o eu estabelece uma outra pessoa que é exterior a si mesmo, o enunciador produz uma ressonância, sendo possível referir-se a si mesmo como um outro eu.

Na co-referencialidade do eu para com ele mesmo surge o momento dele exercitar a sua capacidade e possibilidade de voltar-se sobre si mesmo para examinar o seu próprio modo de construção da realidade. Através dessa reflexão aparece a escrita que modifica o sujeito, que por sua vez modifica a escrita, construindo-se.

Contudo, na amostragem dos sete diários, ocorre o estabelecimento de uma interlocução meio desviada da finalidade e das características do diário íntimo. Encontram-se momentos, nestes diários, em que o locutor, de fato, instaura um tu que não é ele mesmo, pois outros amigos utilizam o espaço para deixar mensagens.

No diário de **T.M., 12 anos**, encontram-se as seguintes anotações:

“Oi T. tudo bem! Eu gosto muito de você, quero te dizer avez de você ficar dando a agenda para os outros escreverem, faça ela como anotações. (...) Ass. Eu Não vou falar meu nome.”

“T. Você é uma Hiper amiga Foi legal te conhecer foi bom você ter alembrado de mim para eu escrever na sua agenda. não tenho palavras para espressar a minha amizade. (...) **M. P.**”

Neste caso, a adolescente **T. M.** faz um uso não esperado para um diário íntimo, pois ela solicita que seus amigos escrevam mensagens para ela. Este atitude é notada como um equívoco, marcado na escrita de uma das amigas que deixa sua observação, sem entretanto se revelar. E embora tanto **T. M.** quanto seus amigos tenham utilizado a palavra agenda, para a amiga anônima que lhe deixou a observação, o uso que a dona da agenda estava fazendo era mais característico de um diário íntimo, pois eram feitas anotações particulares que não poderiam ser lidas por qualquer um, mesmo que pelos amigos.

Nota-se, portanto, que a adolescente instaura um espaço de interlocução com um tu, que acaba construindo um texto que pode não ser reflexo de seus conflitos pessoais. Neste caso, a dialogia se estabelece de uma outra forma, ou seja, espera-se que no diário íntimo o tu se constitua na instauração de um outro eu, no entanto, esse tu instaurado no diário de **T. M.** é, de fato, um outro enunciador que fala como forma de compor a construção da realidade feita por ela.

#### **d) Gírias e oralidade: marcas da relação com o outro e com o próprio eu.**

Alguns elementos presentes nos diários nos mostram como um determinado tipo de interlocução ou formação discursiva pode desvelar muitas vezes uma escrita que determina o grau de envolvimento do sujeito em um grupo social.

Ao mesmo tempo, estes elementos podem aparecer como um código ou em forma de uma oralidade que mostra um maior grau de liberdade que não cede à coerção da

língua culta, pois o adolescente não precisa reproduzir, necessariamente, nos diários íntimos, conhecimentos da linguagem formal, posto que ele escreve para si mesmo.

As expressões mais comuns utilizadas pelas adolescentes podem ser separadas da seguinte forma:

1) Elementos de linguagem que denotam a inclusão do sujeito num determinado grupo: “gato”, “Ganhei da L. colega de escola ela faz niver 13/6”, “acho que você é o máximo”, “muita curtidão”, “hiper amiga”, “te curto pakas”, “te besth off fundão”, “te curto pra K.C.T.”, “legal”, “um cat miau no pedaço”, “valeu chapa”, “galinha”, “piranha”, “superamiga”, “loucamente”, “Ele não era muito bonito mais dava pra quebrar o galho”, “Ele é um dos mais novos amigos que eu conheço e da nossa Galera do Agito o G.D.A. Eu estou achando também que ele está caidinho por mim(...)”, “4 de maio aniversário e festa da F. teve som foi legal gostoso D+” ;

2) Marcas de oralidade: “pra”, “tar com amiga”, “violência não tá com nada”, “feis”, “alemrado de mim”, “faladeira”, “ai, ai, ai”, “avez”, “100 % porcentos”.

Estes elementos citados marcam uma dupla relação do adolescente com a escrita, pois ao mesmo tempo que revelam uma ampla liberdade de expressão, o inserem numa maneira específica do falar de um grupo e também caracterizam o aparecimento de um tom homogeneizado que aos poucos adquire sua peculiaridade. Ou seja, tem-se aí o começo de uma manifestação discursiva singular, cujo desdobramento toma forma à medida que o adolescente lida com os elementos da realidade objetiva e subjetiva.

### 3. CONCLUSÃO/ SÍNTESE

Entendendo o termo **Ideologia** no sentido da acepção bakhtiniana, ou seja, a forma como um grupo social percebe o mundo, interpreta-o e o representa mentalmente através dos signos lingüísticos, é possível dizer que nos diários de adolescentes encontramos vários estágios de elaboração formal da escrita e de idéias, visto que se trata de uma escrita situada nesse espaço de intersecção dos níveis ideológicos de construção da realidade social.

O adolescente escreve para si mesmo, no mesmo momento em que vivencia as experiências, uma vez que ele **se vê de dentro, não operacionalizando a delimitação clara entre eu/outro.**

E por se tratar de um processo de individuação, cada adolescente tem sua forma peculiar de abstração, no sentido de que a compreensão pode ser transformada, contudo no processo dialógico não pertence unicamente a ele a elaboração interna, posto que os elementos externos antecedem a internalização, compondo sua constituição.

A palavra, elemento externo enquanto signo lingüístico, auxilia o adolescente em suas interações e a subjetividade procedente dessas relações constróem o conhecimento de realidade social elaborada por ele. A palavra se constitui na mediação entre os interlocutores, isto é, ela é o elo que liga as subjetividades e produz novas para que o sujeito possa se posicionar discursivamente dentro de contextos afetivos e sociais.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. (Volochinov). **Estética criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992b..
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992a.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Hucitec, 3.ed., São Paulo, 1993.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? liberdade?** São Paulo, Ática, 1986.
- BENVENISTE, Émile. "O aparelho formal da enunciação". In: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, Pontes, 1989. pp.81-90.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, Unicamp, 1997.
- CARVALHO, Maria Lúcia R. D. **Escola e Democracia**. São Paulo: EPU; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.
- CAVALIERE, Raffaele. **Escreva um diário para se conhecer**. São Paulo, Santuário, 1996.
- DRUCOT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1987.
- FILIPOVIC, Zlata. **O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo, Contexto, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo, Ática, 1996.
- FOUCAMBERT, M. **A leitura em questão**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- FRANCHI, E. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. São Paulo, Cortez, 1988.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank: contos do esconderijo**. Rio de Janeiro-São Paulo, Record, edição integral, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- GADETT, F. & HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- GALLO, S. L. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1995.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado de Letras-ALB, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Portos de passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O texto em sala de aula: leitura e produção**. Paraná, Assoeste, Ed. Educativa, 1984.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, Pontes, 1995.
- GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge University Press, 1982.
- KAFKA, Franz. **Diário íntimo**. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1964.
- LEMOS, C. "Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original". In: **Boletim da Abrialim**, 1982, pp. 97-126.
- LOPES, E. **A palavra e os dias: ensaios sobre teoria e prática da literatura**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, Pontes, 1993.
- MAYRINK-SABINSON, M. L. "A produção da escrita da criança e sua avaliação". In: **Cadernos de estudos lingüísticos (24)**. Campinas, pp. 19-23, 93.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, Pontes, 1987.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo, Mercado de Letras-ABL, 1996.
- SMOLKA, A. L. "A prática discursiva na sala de aula: uma perspectiva teórica e um esboço de análise". In: **Cadernos do Cedes (24)**.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.